



Comunicar ainda é um ato humano

James McSill (*)

Vivemos um momento paradoxal na história da humanidade. Nunca foi tão fácil produzir conteúdo, e nunca foi tão difícil produzir sentido

Em meio a automações sofisticadas, textos gerados por algoritmos e narrativas otimizadas para engajamento, surge uma pergunta incômoda: o que acontece quando delegamos às máquinas não apenas a forma, mas a intenção do que comunicamos?

O maior risco do uso da inteligência artificial não está na substituição do humano, mas no esvaziamento do significado. Quando permitimos que sistemas automatizados decidam o que deve emocionar, convencer ou mobilizar, abdicamos da responsabilidade sobre o porquê da mensagem.

Sem intenção consciente, toda comunicação corre o risco de se tornar apenas uma engenharia de estímulos eficiente, mas vazia. E onde não há intenção, há manipulação, ainda que disfarçada de inovação.

Nesse contexto, o papel de quem trabalha com comunicação se torna mais complexo e mais urgente. Não basta dominar ferramentas ou acompanhar tendências tecnológicas. É preciso assumir uma ética de design: criar e utilizar tecnologias que ampliem a consciência humana, não que a anestesiem.

Um sistema de voz, um algoritmo narrativo ou qualquer tecnologia verdadeiramente útil precisa integrar diferentes campos do saber, da engenharia à psicologia, da linguagem à filosofia.

Ainda assim, há um elemento insubstituível: o humano ético. Sem essa consciência, todo avanço técnico pode se transformar em um instrumento de persuasão cega.

Ciro Jacob (*)
A responsabilidade é dupla. Primeiro, com o público, que confia naquilo que é comunicado e molda suas percepções a partir disso. Depois, com a própria humanidade, que é silenciosamente esculpida pelas escolhas tecnológicas que fazemos hoje.

A inteligência artificial não é neutra: ela reflete valores, intenções e até as sombras de quem a concebe. Cada linha de código carrega, inevitavelmente, uma visão de mundo.

Para quem teme “perder a própria voz” nesse cenário, a resposta pode parecer contraintuitiva: o primeiro passo é o silêncio. Antes de produzir mais, é preciso escutar a si mesmo, ao outro, ao que ainda não foi dito.

A IA pode replicar estilos, padrões e tons, mas não cria intenção. E a intenção é o núcleo da voz. Quem reencontra a própria intenção reencontra a capacidade de transformar ruído em mensagem.

A inteligência artificial pode ser comparada a uma orquestra poderosa: ela amplia, harmoniza, improvisa. Mas a melodia original precisa nascer da experiência humana.

Criar, escrever e comunicar continuam sendo atos profundamente humanos, quase espirituais, encontros entre consciência e linguagem. Enquanto esse encontro existir, nenhuma máquina poderá substituir o que nos move: o desejo genuíno de ser compreendido.

Talvez, no fim, a questão central não seja o quanto a IA pode fazer por nós, mas o quanto estamos dispostos a assumir a autoria ética, emocional e simbólica daquilo que colocamos no mundo. A tecnologia pode amplificar vozes, mas apenas o humano pode decidir o que merece ser dito.

(*) Especialista mundial em narrativa e autor de “Storytelling & Inteligência Artificial”, lançamento da DVS Editora.

IA a seu favor: como usar a tecnologia para maximizar a produtividade em 2026

Especialista explica como empresas podem ajustar processos e adotar IA de forma madura para elevar produtividade

Vivemos um momento de inflexão no mundo corporativo: a inteligência artificial deixou de ser promessa distante e se converteu em realidade presente. Em estudo global da McKinsey, 78% das organizações afirmaram já utilizar IA em ao menos uma função de negócio, um indicativo claro de que a tecnologia ultrapassou o patamar de curiosidade e experimentação. No entanto, a disseminação da IA não significa automaticamente ganho de produtividade, e a diferença entre usar IA e extrair valor real indica que a maturidade na adoção será o grande filtro entre quem segue no piloto e quem de fato transforma processos.

Para Eduardo Freire, especialista em inovação e CEO da FWK Innovation Design, este contexto revela um alerta: “A IA começou sendo tratada como muleta em muitos projetos, especialmente nos de inovação. Ela ajuda a dar a primeira fagulha, mas repertório, contexto e profundidade continuam vindo das pessoas. Produtividade com IA não é mágica, é método e abordagem. O verdadeiro desafio para 2026 é recalibrar a relação com a tecnologia, colocando a IA no lugar certo: o de amplificadora da capacidade humana, não de substituta automática”, analisa.

Essa visão se materializa em iniciativas como o FreireIA, copiloto de produtividade e pensamento desenvolvido pela FWK para apoiar profissionais e equipes no uso consciente da inteligência artificial no dia a dia de trabalho. A proposta não é automatizar decisões, mas ampliar repertório, organizar raciocínio, estruturar análises e devolver tempo para atividades que exigem julgamento humano.

1. Mapear o trabalho real: produtividade nasce na ponta, não no topo

“Antes de qualquer automação, é preciso entender o que realmente toma tempo no dia a dia. Não adianta olhar do topo da organização e presumir onde está o problema. A produtividade acontece na ponta, onde pesquisa, resumo, planilhas, atendimento e reconciliação consumem horas preciosas. IA só gera impacto quando resolve fricções reais do trabalho, e isso só aparece quando você escuta quem executa”, diz.

2. O setor de acesso exige biometria avançada
O crescimento exponencial do mercado de fechaduras digitais será marcado por dois imperativos: segurança e resistência. A demanda por soluções mais seguras impulsiona a adoção de biometrias de ponta, como o reconhecimento facial adaptado à diversidade étnica brasileira e a tecnologia Palm Vein (leitura feita pelas veias da palma da mão).

3. Foco na experiência: longevidade do produto redefine o valor
Paralelamente, a tendência mais forte é a busca por produtos à prova de ambientes externos. O mercado passará a exigir modelos que garantam



2. Copilotos no fluxo: IA deve operar onde o trabalho acontece

“A produtividade cresce quando a IA entra diretamente no fluxo, no e-mail, na planilha, no CRM, na gestão. A tecnologia deve potencializar, não substituir. Quando tentamos automatizar decisões inteiras ou atividades que exigem sensibilidade humana, perdemos qualidade. O LinkedIn provou isso: ninguém aguenta mais mensagens de prospecção robóticas. IA é copiloto, não piloto”, entende o especialista.

Essa lógica orienta o uso de soluções como o FreireIA, que atua como apoio cognitivo no fluxo de trabalho, ajudando a pensar melhor, organizar informações e tomar decisões com mais clareza, sem substituir o papel humano.

3. Governança leve e orientada a valor: menos demo, mais resultado auditável

“É fundamental definir o que pode ou não pode ir para os modelos, ter logs e estabelecer revisão humana onde há risco. Governança não precisa travar; precisa proteger e dar clareza. E vale lembrar da regra básica: se você não está pagando, você é o produto, especialmente em IA generativa. Bons pilotos são curtos, de 90 dias, com testes controlados e métricas de qualidade e tempo. Empresas precisam de menos apresentações bonitas e mais resultados auditáveis”, defende.

4. Dados cuidados e contexto: o fim da ilusão da automação ‘mágica’

“Automação sem contexto vira atalho que não leva a lugar nenhum. IA depende de dados minimamente organizados, mas

também de sensibilidade porque nem tudo é regra, nem tudo é padrão, nem tudo é previsível. O erro de 2025 foi acreditar que modelos genéricos dariam conta de resolver problemas complexos. Quando os dados estão desestruturados, o máximo que se produz são casos ‘bonitos’, porém rasos. IA só gera profundidade quando encontra dados prontos e decisões bem enquadradas”, completa.

5. Tecnologia devolvendo tempo: IA deve liberar espaço para julgamento humano

“O verdadeiro ganho de produtividade vem quando a IA reduz tarefas repetitivas e devolve ao humano a capacidade de analisar exceções, criar, julgar e decidir. Se a tecnologia não está liberando tempo para o trabalho que exige cuidado e estratégia, ela virou enfeite. A IA precisa ampliar a capacidade da equipe de lidar com o inesperado, não restringir”, finaliza.

Para Freire, os ganhos reais de produtividade virão de abordagens que tratem a IA como apoio estruturado ao trabalho intelectual, e não como promessa de automação total.

Para Freire, os ganhos reais de produtividade virão de abordagens que tratem a IA como apoio estruturado ao trabalho intelectual, como ocorre no FreireIA, e não como promessa de automação total.

“Acredito que os resultados mais expressivos virão das organizações que colocarem disciplina no uso da tecnologia e que entenderem que IA é meio, nunca fim. Produtividade com IA é abordagem. É mapear tarefas reais, acoplar copilotos no fluxo, medir o ganho, trabalhar governança simples e, principalmente, priorizar resultados. O hype passa e o impacto fica”, conclui Eduardo Freire.

Mercado de segurança vai dobrar a eficiência sem exigir novos equipamentos

Intelbras destaca três tendências que vão redefinir o mercado em 2026: IA conversacional, modelos externos mais robustos e tecnologias que protegem dispositivos contra danos externos'. O mercado brasileiro de segurança eletrônica e casa inteligente no Brasil vive um momento de virada. Após anos marcados por produtos complexos e de curta durabilidade, a tendência para 2026 é a consolidação de soluções que privilegiam inteligência operacional e maior vida útil. O setor avança além da simples venda de equipamentos, colocando o foco em valor agregado, robustez e uma experiência de uso muito mais simples e eficiente.

Nesse cenário, as demandas por eficiência e confiabilidade impulsionam um futuro em que a segurança é realmente inteligente e alinhada à realidade brasileira. Com sua experiência e liderança em P&D, a Intelbras identifica e trans-

forma essas tendências em soluções concretas. Os investimentos estratégicos em software e hardware convergem para três pilares de inovação que não apenas antecipam o futuro, mas redefinem o valor que o mercado espera obter em segurança e automação. São elas:

1. A Inteligência Artificial (IA) deixa de ser passiva

A principal transformação do mercado será a mudança da IA de mero detector para um facilitador inteligente, por meio da incorporação de Modelos de Linguagem de Larga Escala (LLM). A tendência é que os sistemas de monitoramento ganhem a habilidade de interagir, permitindo a busca por conversação. Isso representa o fim da tediosa busca por filtros e atributos, permitindo que o usuário digite a ocorrência desejada (“Onde está a bolsa rosa?”) e obtenha a resposta imediata. Esse avanço não só simplifica a operação, mas também

terá um impacto profundo na redução do custo operacional do setor. Além disso, a otimização algorítmica por LLM permitirá que os dispositivos quadruplicem seu poder de inteligência utilizando o hardware existente, democratizando o acesso à IA de ponta para todo o mercado.

2. O setor de acesso exige biometria avançada

O crescimento exponencial do mercado de fechaduras digitais será marcado por dois imperativos: segurança e resistência. A demanda por soluções mais seguras impulsiona a adoção de biometrias de ponta, como o reconhecimento facial adaptado à diversidade étnica brasileira e a tecnologia Palm Vein (leitura feita pelas veias da palma da mão).

3. Foco na experiência: longevidade do produto redefine o valor

A terceira grande tendência de 2026 é a priorização de soluções que garantam a longevidade do produto e facilitem a instalação. O mercado está se movendo para a adoção de mecanismos padrão ABNT nas fechaduras embutidas, visando simplificar o trabalho do instalador e reduzir o tempo de serviço. Para o consumidor final, a tendência é a eliminação de pequenos problemas cotidianos, como o “efeito fantasma” (ruído de porta). Mais importante, o setor passará a integrar mecanismos de proteção contra danos internos causados pelo vazamento de pilhas e garantindo que o ciclo de vida do produto seja longo, o que fortalece a confiança do cliente e o valor percebido da solução.

Paralelamente, a tendência mais forte é a busca por produtos à prova de ambientes externos. O mercado passará a exigir modelos que garantam

a integridade física e estética mesmo sob exposição contínua ao sol e à chuva, superando as limitações da proteção IP básica. Outras tendências cruciais envolvem a sustentabilidade e a conveniência, com o avanço de soluções como baterias recarregáveis que eliminam a dependência de pilhas.

Para Juliano Pavlak, Gerente de Soluções e Produtos da Intelbras, as inovações em IA e segurança física indicam que o mercado brasileiro está amadurecendo e se voltando para soluções que entregam desempenho superior com responsabilidade e durabilidade. “Essa transição está elevando o padrão de qualidade, prometendo um ecossistema mais seguro, conectado e eficiente. O futuro do mercado reside na capacidade de transformar tecnologia complexa em soluções simples e confiáveis para o dia a dia”, complementa.